

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
CURSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO EM GESTÃO
EM SAÚDE

Nathalia Liane dos Santos

O CARTUM NO PERÍODO DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA:
a construção da crítica sociopolítica sob a perspectiva de Angeli

Rio de Janeiro

2012

Nathalia Liane dos Santos

O CARTUM NO PERÍODO DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA:
a construção da crítica sociopolítica sob a perspectiva de Angeli

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico de Nível Médio
em Gerência em Saúde.

Orientador: José Roberto Franco Reis

Rio de Janeiro

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

*Dedico este trabalho a todos os que
tiveram passagem especial por minha vida e que*

contribuíram para minha formação pessoal.

AGRADECIMENTOS

Apresento meus sinceros agradecimentos aos que me apoiaram nessa jornada politécnica e que a cada dia me mostraram novas motivações. Agradeço toda a dedicação e preocupação dos meus pais, familiares e amigos e sou grata a Deus por colocá-los em meu caminho.

*“Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de
você.”
(Renato Russo)*

RESUMO

As charges e as tiras de crítica comportamental se caracterizam como cartuns que apresentam críticas em diferentes âmbitos através do humor. A partir das críticas podem-se compreender os aspectos sociopolíticos e históricos de uma sociedade em questão. Nesse contexto, este trabalho apresentará o caráter desses cartuns como agentes formadores da crítica política e comportamental durante o período da redemocratização brasileira (1985-1988). Com fim da ditadura, o Brasil viveu um período marcado pelo suposto fim da censura e pelas liberdades individuais e de expressão. Todavia, em meio ao conservadorismo do governo e o tradicionalismo da sociedade, a censura permanece presente, bem como as opressões às manifestações que vão contra ao pensamento dominante na sociedade. Dessa forma, a caracterização da sociedade e do comportamento político da década de 1980 é essencial para analisar os cartuns críticos desenvolvidos e compilados nesse período, sua função na sociedade como propiciador da crítica social e seus papéis como agentes políticos.

Palavras-chave: Cartum. Crítica social. Redemocratização.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Capa da Antologia Chiclete com Banana 5	17
Ilustração 2 - Página 20 da Antologia Chiclete com Banana 5	18
Ilustração 3 - Página 21 da Antologia Chiclete com Banana 5	20
Ilustração 4 - Página 22 da Antologia Chiclete com Banana 5	21
Ilustração 5 - Página 24 da Antologia Chiclete com Banana 5	23
Ilustração 6 - Página 5 da Antologia Chiclete com Banana 1	26
Ilustração 7 - Página 7 da Antologia Chiclete com Banana 1	28
Ilustração 8 - Página 8 da Antologia Chiclete com Banana 1	30
Ilustração 9 - Página 9 da Antologia Chiclete com Banana 1	31
Ilustração 10 - Página 10 da Antologia Chiclete com Banana 1	32
Ilustração 11 - Página 11 da Antologia Chiclete com Banana 1	33
Ilustração 12 - Página 12 da Antologia Chiclete com Banana 1	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CRITICIDADE DOS CARTUNS	11
2 O PERFIL POLÍTICO DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA NA VISÃO CRÍTICA DO CARTUM DE ANGELI	16
3 O CARTUM E A REPRESENTAÇÃO CÔMICA DA VIDA PRIVADA	27
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	39
BIBLIOGRAFIA	40

INTRODUÇÃO

Os cartuns, tais quais as charges e os quadrinhos de tiras de crítica comportamental, são importantes instrumentos de análise sociopolítica de uma sociedade em questão. Trazendo tal perspectiva para o Brasil da década de 1980, mais especificamente nos anos que englobam o processo de abertura política, podem-se compreender os valores vigentes e os interesses políticos que prevaleciam durante os primeiros anos após o fim da Ditadura Militar.

A produção dos cartuns “toma como ponto de apoio marcas linguísticas que funcionam como pistas e que podem levar à situação onde foram concebidos os atos de linguagem e à organização discursiva dos mesmos (Souza, 2007, p. 8). Dessa forma, é importante caracterizar e entender a conjuntura histórica da década de 1980 para então analisar e compreender as produções artísticas críticas – nesse caso o cartum – desenvolvidas no período de redemocratização, suas funções na sociedade e o papel do humor na formação crítica da sociedade.

O humor e os cartuns agem como instrumentos de comunicação e expressam projetos e interesses políticos. Dessa forma, ambos possuem seus impactos na sociedade, além de expressarem opiniões e expectativas de atores sociais específicos, tendo em vista o aspecto sociopolítico.

Sendo assim, o atual estudo foi feito com a intenção de entender o papel dos cartuns críticos no período de redemocratização e de seu caráter intertextual na formação de críticas sociais. O trabalho tem sua relevância devido ao fato de que o humor e a crítica têm sofrido diferentes formas de limitação, pautadas em determinados interesses, reflexos da organização social. Dessa forma, é importante entender a abrangência das críticas e do humor na sociedade, bem como a relevância dos mesmos.

Para entender a dimensão do trabalho desenvolvido nos anos da redemocratização será feita uma análise de tiras compiladas pelo cartunista Arnaldo Angeli Filho (Angeli). O trabalho analisado consiste em trechos de publicações da Revista Chiclete com Banana, republicados pela Editora Devir na Antologia Chiclete com Banana no ano de 2008. As histórias utilizadas para a confecção deste trabalho encontram-se nos volumes 1 e 5 da Antologia Chiclete com Banana, entre as páginas 05 e 12, no primeiro volume, e entre as páginas 20 e 24, no quinto volume.

No primeiro capítulo trataremos a análise do espaço ocupado pelo cartum na sociedade, bem como a caracterização do mesmo. Serão ainda abordadas nesse capítulo as dimensões

históricas das charges e das tiras comportamentais no Brasil no período ditatorial e de redemocratização.

As principais características dos trabalhos desenvolvidos no período da redemocratização brasileira serão também apresentadas desse capítulo. Será também colocado em questão o trabalho de Angeli e as formas de abordagem crítica do autor.

No segundo capítulo será realizada a análise do intervalo das páginas do volume 5 da Antologia Chiclete com Banana. A análise consistirá numa exposição do processo da redemocratização brasileira, explorando as conjunturas políticas, sociais e econômicas que acarretaram na abertura política, bem como os valores e relações sociais inerentes ao período.

O terceiro capítulo será dedicado à análise das interações sociais da década de 1980 e aos valores comportamentais da sociedade. A análise não será restrita ao âmbito comportamental, abordando também facetas do caráter político relacionados diretamente a manutenção das estruturas e relações sociais do período da redemocratização.

1. A CRITICIDADE DOS CARTUNS

Nas sociedades capitalistas modernas – o que também inclui o Brasil – a produção cultural passou a atender as leis de mercado. Sendo assim, ao serem regidas pelos ideais disseminados no meio social, as manifestações culturais, no geral, passam a apresentar um caráter efêmero. Devido a essa temporalidade limitada, a cultura predominante contribui para consolidar os interesses disseminados numa sociedade em questão.

No entanto, se por um lado, a produção cultural é traduzida em mercadoria refletindo os ideais capitalistas disseminados na sociedade, por outro, pode representar também modelos de crítica sociopolítica. Quando inseridos num modelo de indústria cultural, os meios de comunicação de massa são produzidos tendo em mente as demandas de mercado e do público. Dessa forma, o conteúdo apresentado está relacionado aos interesses veiculados na sociedade.

O cartum apresenta-se no espaço social como meio de comunicação de massa, entretanto, quando elaborado de forma crítica e de modo a instigar a formação de críticas sociopolíticas, tal gênero textual foge à lógica do capital. Essa característica pode ser encontrada em gêneros como as tiras de crítica comportamental e as charges, os quais se propõem, de forma cômica, a questionar os valores sociais, morais e políticos presentes na sociedade.

As tiras comportamentais e as charges podem expressar as conjunturas de uma sociedade em um período em questão a partir das críticas através delas desenvolvidas. Tais gêneros podem também apresentar projetos políticos e sociais em disputa. Com isso, através da caracterização dos cartuns críticos desenvolvidos podem-se compreender os valores sociopolíticos adotados numa sociedade. Para tanto, é necessário entender as possibilidades de análise de tais gêneros e a forma que a crítica é efetuada através deles.

Tiras e charges, até certo aspecto, caracterizam-se como gêneros textuais distintos, no entanto, para compreender a informação por eles veiculada é necessário conhecimento prévio das situações expressas. Dessa maneira, a formação de sentido é possível através dos conhecimentos do receptor da informação e da sua inserção em determinado contexto. Nos dois gêneros os aspectos imagéticos e linguísticos dialogam entre si. O caráter intertextual dos gêneros, que – principalmente nas charges – apresenta relação com aspectos fora do cartum, também é presente e contribui para a elaboração do sentido.

Os dois gêneros expressam explicitamente a visão de mundo do autor, nos quais o elaborador da informação apresenta de forma sua opinião de forma direta. A partir dos conhecimentos que possui a respeito da informação veiculada, o leitor cria sua própria opinião, em concordância ou não, com o autor. Sendo assim, tais gêneros textuais possibilitam uma interação entre o produtor e o receptor da informação, permitindo o enlace entre os mesmos. Com isso, a produção da crítica contida nas tiras e nas charges torna-se coletiva, de forma que não apenas o autor elabora críticas, mas também o leitor tem seu posicionamento a respeito da informação veiculada. Dessa forma, identifica-se o caráter reflexivo dos gêneros, o autor provoca o leitor – utilizando o humor como ferramenta – a elaborar sua própria crítica.

A interação entre imagens e palavras, o aspecto cômico na elaboração de críticas, bem como o caráter presente do receptor na formação do sentido são características comuns a charges e tiras de crítica comportamental. Ao elaborar uma descrição que difere as tiras (ou quadrinhos, ou ainda histórias em quadrinhos) das charges ou outros cartuns como a caricatura, pode-se dizer que as tiras consistem em imagens sequenciais dispostas em quadros sobrepostos que buscam causar determinadas reações no receptor.

As charges consistem em imagens dispostas num quadro único e que evidenciam determinada realidade social de forma humorada, geralmente atrelada a acontecimentos mais recentes da sociedade. As charges também possuem como característica a presença de ironias, hipérboles e sátiras que tem por objeto levar certo fato ou figura ao ridículo e elaborar críticas através desses elementos.

Observando as características que definem tiras e charges pode-se dizer que as tiras possuem temporalidade maior que as das charges. As tiras de crítica comportamental apresentam informações que, uma vez relacionadas a costumes e tradições, tendem a uma maior amplitude temporal. Por outro lado, as charges, no geral, refletem fatos políticos e acontecimentos circunstanciais e “por focalizar uma realidade mais específica, a charge se prende mais ao momento” (Souza, 2007, p. 34). Daí pode-se dizer que as charges tendem a ter uma temporalidade limitada se comparadas às tiras.

O presente trabalho abordará as diferentes facetas dos cartuns produzidos no período da redemocratização brasileira contextualizando sua produção com o período socioeconômico vivenciado na época. No entanto, para compreender o trabalho elaborado durante os anos da redemocratização é necessário avaliar previamente os trabalhos predominantes no período antecessor. Devido a isso será apresentada uma breve análise das condições de formulação das charges durante o período de ditadura militar e abertura política e o universo dos quadrinhos no Brasil.

Durante o período de opressão do regime militar, os cartunistas e chargistas expressavam suas críticas de forma mais “sutil”. Essa sutileza não se deve ao fato de que as críticas eram menos ácidas ou menos direcionadas, pelo contrário, eram sutis porque para driblar a forte censura, as críticas eram realizadas de forma pouco mais subjetiva.

Na época do regime militar a opinião da população convergia para o mesmo ponto, a ditadura não era tida com bons olhos por parte considerável da população civil. Devido a isso, as charges produzidas converteram-se numa forte forma de oposição ao regime. Neste período nomes como Henfil, Jaguar e Ziraldo tornaram-se presentes nas charges veiculadas durante os “anos de chumbo”, sendo o Pasquim um importante meio de veiculação dos cartuns desenvolvidos.

Uma vez que os ideais de boa parte da sociedade eram semelhantes e buscavam o fim da opressão, a aceitabilidade dos pontos de vista veiculados era maior. Com isso, criar humor naquele período era tarefa menos dispendiosa devido aos costumes e valores vigentes na sociedade civil daquela época.

Em 1985, ao fim da ditadura militar, foi alcançado o suposto fim da censura e a garantia das liberdades individuais e de expressão. No entanto, devido à influência de uma elite tradicionalista amparada pelos segmentos do governo e pelos meios de comunicação, as críticas aos âmbitos político e comportamental encontravam como obstáculo o conservadorismo da sociedade. Com isso, talvez fosse tarefa mais simples criar charges de oposição ao regime durante os anos de ditadura, mesmo com uma liberdade quase nula de expressão.

No Brasil, durante o período da redemocratização, produção de quadrinhos era realizada tendo base nos quadrinhos *underground* norte-americanos os quais são respostas à censura ao gênero durante a década de 1950 nos EUA. Robert Crumb é um importante autor desse gênero de quadrinhos. Sua obra representava artisticamente facetas antes não exploradas em tiras, como a violência, sexo, drogas e, além disso, seu trabalho dialoga também com gêneros musicais.

Os quadrinhos *underground* produzidos no período da redemocratização apresentam críticas sociopolíticas através de personagens estereotipados e extremamente satirizados. Um dos autores brasileiros que se caracterizou pela produção desse tipo de cartum é Arnaldo Angeli Filho, nascido em 31 de agosto de 1956 num bairro de classe média em São Paulo.

Angeli foi influenciado por Robert Crumb no que diz respeito à relação das artes gráficas com o rock. Em seus trabalhos Angeli explora os aspectos morais da sociedade

realizando críticas subversivas aos valores. O cartunista ridicularizava os costumes e fazia sátiras com os diferentes grupos sociais e ironizava a política e a cultura do país.

O autor iniciou sua carreira como cartunista aos 14 anos publicando seu primeiro desenho na revista Senhor, atualmente extinta e que faliu pouco tempo depois da publicação de Angeli. Um aspecto interessante da vida do autor é que devido a sua postura crítica não muito comum em oposição aos valores da época – naquele momento a ditadura militar – Angeli repetiu a 5ª série três vezes até ser expulso da escola onde estudava. Antes de se dedicar exclusivamente as artes gráficas, o autor chegou a ser *office-boy* entre outras pequenas profissões.

Em 1972 Angeli conquista seu primeiro espaço no Pasquim ao publicar seu desenho no espaço destinado às cartas dos leitores. Em 1973, o cartunista é contratado para trabalhar na Folha de São Paulo e publicar charges políticas em pleno regime militar. Na Folha de São Paulo – jornal no qual publica até hoje nos cadernos de política e cultura e tem suas charges estampando quatro vezes por semana o espaço da página 2 do periódico – Angeli teve a oportunidade de desenvolver seu trabalho e suas personagens. O autor também contribuiu com outros jornais além da Folha de São Paulo, como o Versus, Movimento e o Pasquim.

Em 1983, Angeli resolve abandonar a charge política e ingressa no mundo dos quadrinhos *underground* explorando as tiras de crítica comportamental. O cartunista elabora seu trabalho baseado nos estereótipos da vida privada brasileira. Angeli publica suas primeiras histórias da personagem chamada Bob Cuspe. A personagem é um punk que não se importa com nada, vive no esgoto e sua função é cuspir na cara da sociedade e apontar para os problemas e contradições do meio social.

Outras personagens que representam a sátira aos diferentes grupos da sociedade brasileira como a Rê Bordosa, uma mulher liberal dos anos 80 que vivia unicamente para os prazeres da vida mundana. Um detalhe interessante é que Angeli mata a personagem numa de suas publicações de 1987 para que não se convertesse num autor que vive exclusivamente para uma personagem única.

Outras personagens que se destacam são o Meiaoito, um militante da esquerda em busca da revolução e seu ajudante Nanico. A respeito da personagem, parece que após o fim da ditadura, Meiaoito vive sob as sombras de um passado de glória, pelo visto, com a abertura política, revolucionar a sociedade não se converteu numa tarefa simples. Personagens, como as hippies Wood & Stock cujos relógios pararam na década de 60, o machista Bibelô e o guru Ralah RiKota também são encontrados nas obras do cartunista.

Os cartuns desenvolvidos na década de 1980 expressam em sua maioria as conjecturas sociais do período. Cabe porém frisar que a política, embora representada separadamente pelas charges, consiste também num aspecto da vida social brasileira, vindo também a ser representada nas tiras sendo explorados seus aspectos irônicos e contraditórios.

2. O PERFIL POLÍTICO DA REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA NA VISÃO CRÍTICA DO CARTUM DE ANGELI

O período da redemocratização brasileira se estende de 1985 com o término da ditadura militar a 1988 com a Constituição Federal. Tal período foi marcado pela transição de um regime ditatorial a uma sociedade democrática através do processo de abertura política, iniciada durante o governo Geisel (1974 – 79) e tendo continuidade no governo do presidente João Batista de Oliveira Figueiredo. O marco da redemocratização foi a primeira eleição para presidente da República – de forma indireta – após o regime militar.

O cartunista/chargista Angeli durante este mesmo período lançou a revista *Chiclete com Banana* por meio da Circo Editorial LTDA. Neste trabalho Angeli se propõe a satirizar a sociedade brasileira do período – recentemente reinserida num modelo democrático de Estado, mas que carregava como herança do período ditatorial o tradicionalismo com que se davam as relações sociopolíticas do regime militar.

Pouco antes do propriamente dito período da redemocratização, em 1983, Angeli para com a produção de charges políticas e se dedica a elaboração de tiras de crítica comportamental. Com o início do período de abertura, algumas charges passaram a apresentar certo partidarismo político. Em entrevista a *Revista Trip*, Angeli afirma que muitos “cartunistas começaram a fazer humor a favor” (Trip, 191). Na visão de Angeli a função do cartunista é instigar e provocar o receptor a pensar e criticar.

Angeli põe em cheque as estruturas políticas e partidárias do período e devido a sua postura anarquista se mostra contrário às formas de expressão crítica partidárias. Sendo assim, segundo a visão do cartunista, o partidarismo presente em alguns trabalhos do período servia apenas para favorecer políticos e não como um agente formador da crítica social e política.

Apesar de não mais publicar charges políticas entre os anos de 1983 e 1990, Angeli apresenta um aspecto peculiar quanto ao modo que enxerga o trabalho que elabora: não enxerga diferença entre tiras comportamentais e charges políticas. Mesmo nas tiras comportamentais, o cartunista evidencia os aspectos políticos presentes no momento em que o cartum é elaborado, assim como nas charges políticas, nas quais ocupa a posição de um crítico do comportamento social.

No volume 11 da *Revista Chiclete com Banana*, de setembro de 1987, o cartunista produz uma edição voltada para o comportamento político. Na capa desta publicação, há a figura de um político segurando uma criança no colo e a beijando. Seria uma situação um tanto comum, se não fosse a ironia usada por Angeli ao descrever a situação.

A figura do político representado pelo cartunista se encontra numa situação embaraçosa e um tanto quanto sem saída, pois a criança em seu colo apresenta uma reação não esperada pela personagem do político e muito menos pelos receptores da imagem.



Ilustração 1 – Capa da Antologia Chiclete com Banana 5.
Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 5.

A criança que está sendo segurada e beijada pelo político parece amedrontada com a situação e apresenta a ação inesperada de defecar nas mãos do político. Com isso, o político fica sem reação, pois se largar a criança enojado deixará de passar a boa imagem que pretendia mostrar a sociedade. Cabe frisar que a imagem foi retirada da Antologia Chiclete com Banana da Editora Devir, lançada em abril de 2008 e não da edição original de 1987. Na publicação original há um acréscimo de informação com o título que Angeli atribui a imagem “Polititica”.

O jogo de palavras elaborado pelo cartunista com os termos “política” e “titica”, associado ao conteúdo apresentado pela imagem, ajuda o leitor a compreender a visão do autor a respeito do comportamento político do período. A partir da análise da capa da publicação, pode-se dizer que a política era semelhante a um “baile de máscaras” na qual seus

representantes preocupam-se com as aparências que exteriorizavam, enquanto seus ideais permaneciam ocultos a maior parte da população.

Nesta mesma publicação, o cartunista se propõe a elaborar críticas aos representantes da política brasileira durante o processo de abertura. A crítica se estende também às demais parcelas da população e sua postura social em relação com os movimentos políticos. No intervalo compreendido entre as páginas 20 e 24 da Antologia Chiclete com Banana 5, Angeli apresenta o que ao seu ver foi o processo de redemocratização. Segundo o cartunista, tal processo se deu a partir de um acordo entre os políticos reciclados da ditadura, acordo este que favorecia diretamente a eles e os segmentos burgueses da sociedade.

Na página 20 o cartunista faz uma breve apresentação, referindo-se diretamente ao leitor, do que diz respeito às conjunturas sociais, políticas e econômicas do período.



LEMBRAM-SE DO BRASIL, AQUELA POTÊNCIA EMERGENTE DOS ANOS 70? POIS É, COITADO, A DENTRO DA DÉCADA DE 90 COMPLETAMENTE FALIDO E TOTALMENTE ENTREGUE NAS MÃOS DE SEUS CREDORES INTERNACIONAIS QUE, RAPIDINHO, COLOCARAM O PAÍS À VENDA NUM CONCORRIDO LEILÃO REALIZADO NA SEDE DO FMI E QUE CONTOU COM A PRESENÇA DE REIS DO PETRÓLEO, RICOS FAZENDEIROS TEXANOS E FAMOSOS MAGNATAS EUROPEUS. FOI SÓ BATER O MARTELO PARA ALTAS SIFRAS COMEÇAREM A ROLAR. VÁRIOS LANCES FORAM FEITOS MAS, NO FINAL, O BRASIL FÔRA ARREBATADO POR UM POOL INTERNACIONAL, FORMADO POR EX-DITADORES QUE, DEPOSTOS DO COMANDO DE SEUS PAÍSES, ACABARAM DE LÁ PRA CÁ PELO MUNDO, SEM TER ONDE FIXAR RESIDÊNCIA, JÁ QUE MIAMI BEACH, O QUARTEL GENERAL DOS CAUDILHOS, SOFRIA DE SUPER POPULAÇÃO. A IDEIA DOS RAPAZES ERA SIMPLES: TRANSFORMAR A ANTIGA TERRA BRÁSILIS NUMA COLÔNIA DE FÉRIAS PERMANENTE, ONDE EX-CARRASÇOS PUDESSEM DESFRUTAR DE TUDO AQUILO QUE GANHARAM COM O SUOR DO ROSTO ALHEIO. UM PROJETO DE FÁCIL EXECUÇÃO POIS CONTAVA COM UMA INFRA-ESTRUTURA JÁ MONTADA E UM EXCELENTE QUADRO DE SERVIÇOS, COMPOSTO POR ANTIGAS AUTORIDADES LOCAIS.



20

ANTOLOGIA CHICLETE COM BANANA 5

Ilustração 2 – Página 20 da Antologia Chiclete com Banana 5.
Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 5.

Durante a década de 1970, o Brasil viveu um período de grande crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Nesta década, a base industrial foi diversificada e a produção de bens de consumo duráveis foi colocada em destaque. O rápido crescimento econômico propiciou o fortalecimento das camadas burguesas e gerou um processo de acentuação das desigualdades sociais.

Se por um lado os anos 70 vieram acompanhados do crescimento econômico, por outro os anos 1980 se apresentaram como a “perda da economia brasileira”. A década de 1980 foi caracterizada por ser um período de estagnação econômica e marcada pelo aumento inflacionário. As intervenções do Estado na economia – planos de estabilização e políticas

salariais – propiciaram a transferência de renda das camadas mais pobres para as camadas mais ricas da sociedade. Sendo assim, pode-se dizer que o Brasil chegou falido à última metade dos anos 80, no entanto, permitiu a consolidação ainda maior das classes burguesas.

Quanto à questão política e administrativa do país, o cartunista deixa bem claro que o governo não mudou suas bases. A eleição de Tancredo Neves acarretou na esperança de se escrever uma nova história para a política brasileira, porém, com sua morte “um sentimento de mesmice, de continuísmo foi tomando conta da vida política” (SADER, 1996, p.43).

Com a morte do presidente da República, o vice José Sarney vem a assumir o cargo. Durante o governo Sarney, no entanto, “tornou-se claro que determinadas propostas, como a de reforma agrária, por exemplo, careciam de bases políticas para sua realização” (RODRIGUES, 2003, p.44).

As propostas de cunho social realizadas por Sarney, por exemplo, foram combatidas pelos segmentos burgueses e pela mídia tradicionalista e conservadora. Acuado pelas investidas de tais segmentos, Sarney retrocedeu com suas propostas – aparentemente não interessado em retomá-las – acentuando a falta de esperança nas mudanças políticas do Brasil, iniciada com a morte de Tancredo Neves. Dessa forma, “o governo Sarney foi se reduzindo a um governo a mais, entre tantos não eleitos pelo povo, dirigido pela elite política tradicional, com um grande contingente oriundo da ditadura militar” (SADER, 1996, p. 47).

A partir da descrição humorada, o cartunista desenvolve nas tiras o processo que acarretou na criação de um suposto modelo democrático de sociedade. Diz-se suposto, pois no decorrer das tiras Angeli questiona o modelo criado, apresentando assim uma crítica aos rumos políticos nos quais o Brasil foi encaminhado.

Na página 20 da publicação, no quadro acima à apresentação, o cartunista ilustra uma figura entendida como o estereótipo do poder político do regime militar, e apresenta um homem aproveitando suas férias em algum lugar extremamente caro, lendo o New York Times, fumando charuto e sendo prontamente atendido por um mordomo com características semelhantes às de José Sarney.

A situação apresentada no primeiro quadro faz alusão ao trecho da pequena apresentação feita por Angeli (1987) ao dizer que o objetivo dos ex-ditadores descritos pelo cartunista era “transformar a antiga terra Brasília numa colônia de férias permanente onde excarrascos pudessem desfrutar de tudo aquilo que ganharam com o suor do rosto alheio”. Além disso a aparente figura de José Sarney, ao “excelente quadro de serviçais, composto por antigas autoridades locais”.

Nos últimos quadros da página 20 a figura do militar recebe uma ligação da ONU trazendo boas notícias, pelo menos ao grupo de ditadores. Na página seguinte há o desenrolar da situação.



Ilustração 3 – Página 21 da Antologia Chiclete com Banana 5.

Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 5.

Na página 21, o grupo de militares recebe a notícia que a ONU aprovou a criação de uma nação, na qual poderiam constituir um país que girasse em torno dos ideais e projetos políticos, econômicos e sociais nunca antes vistos numa nação. Nesta sequência de quadrinhos o cartunista explora a ironia da situação, a constituição de uma nação com os ideais citados, nesse caso, não significa algo bom para uma maioria. Tais projetos pensados visavam apenas o favorecimento da minoria da sociedade – nos quadrinhos representada pelos militares – em detrimento das classes trabalhadoras.

No primeiro quadro da página 22, as leis e normas da nação começaram a ser pensadas e moldadas aos interesses do grupo que se encontrava no poder. As leis que são citadas pelos militares nas tiras refletiam a situação do país da década de 1980, sob os moldes de uma estrutura de sociedade conservadora.



Ilustração 4 – Página 22 da Antologia Chiclete com Banana 5.
Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 5.

O aumento dos impostos e a acentuada divisão de classes citados pelas personagens eram reflexos da crise econômica vivenciada pelo país no período. Quanto à questão da centralização do poder e a “eliminação” da oposição, pode-se debater a respeito do papel da mídia tradicional da década de 1980.

Analisando o percurso realizado para se alcançar a abertura política, pode-se perceber que os segmentos burgueses da sociedade tiveram uma grande influência na forma em que tal processo foi conduzido. As ideias do capital mantiveram-se preservados uma vez que a

estrutura social e econômica da década de 1980 permitia a manutenção das ordens burguesas vigentes no período.

A influência da burguesia ia além dos âmbitos econômico e político. Aliada à mídia e aos meios de comunicação de massa, os segmentos burgueses fizeram seus ideais presentes na sociedade. Sendo assim, o maior contingente das informações que circulavam no meio social estava relacionado aos interesses do capital.

No período em questão, os segmentos burgueses conseguiram manter intactos seus interesses. Embora se vivesse num período de democracia, a mídia propiciou a continuidade do tradicionalismo permitindo assim a sobrevivência dos ideais do capital. O fato de que a concentração de empresas midiáticas permaneceu nas mãos de investidores pertencentes à elite tradicional também contribuiu para que o conservadorismo das antigas estruturas sociais e políticas não se dissolvesse.

Tal conservadorismo pode-se ser exemplificado quando uma das personagens propõe uma solução democrática buscando acordo entre as partes. Tal ideia da personagem é duramente criticada e reprimida pelos demais militares presentes na mesa da reunião.

Ainda na mesma página, no decorrer dos quadros, o cartunista apresenta um elemento não esperado tanto pelos leitores quanto pelas próprias personagens da tira. As personagens perceberam que na nova nação apenas um poderia ser o representante do poder. Dessa forma, as personagens que anteriormente pareciam ter superado suas diferenças, voltam-se uns contra os outros, revelando a hipocrisia de suas ações anteriores em relação aos demais militares.

A situação conflituosa rapidamente é desfeita após uma proposta realizada por um dos integrantes da mesa. Proposta esta que brevemente se mostraria “democrática”, no entanto esta democracia se estenderia apenas aqueles que compartilhassem do poder, de forma a manter seus interesses intactos.



Ilustração 5 – Página 24 da Antologia Chiclete com Banana 5.

Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 5.

A esperada solução para o problema interno que ocorria seria uma partilha de poder através de um rodízio. Tal alternativa causou curiosidade nas personagens, uma vez que suas reações nos quadros pareciam que tal ideia não fora pensada antes. A personagem que propõe a ideia revela que tal alternativa consiste numa alternância de poder, na qual todos poderiam desfrutar dos ideais que pretendiam impor à nova nação.

Nos quadros seguintes o cartunista se utiliza da ironia para descrever os “projetos futuros” dos militares para a nova nação. Suas atitudes revelam uma despreocupação com a

sociedade, fazendo com que seus interesses prevalecessem em detrimento dos ideais do resto da população do país.

Com o acordo entre os ex-ditadores, a nova nação é criada, baseada em seus interesses individuais. O último quadro retrata o acordo entre os militares, onde todos aparecem desfrutando das vantagens do novo país. Na parte superior do último quadro há os dizeres “Viva la democracia”, o que revela mais uma vez a visão do cartunista de que a democracia é algo restrito a um grupo minoritário. Os dizeres contradizem também os quadros da página 22, nos quais as personagens condenam as ideias de democratização, mas quando a democracia é convertida em algo que lhes é favorável e assegura seus interesses, não há oposição por parte das personagens.

Um aspecto interessante no último quadro é a revista que está sendo lida pela terceira personagem da esquerda para a direita com o título de “Charges de generais”. Tal aspecto que passaria facilmente despercebido pode refletir o motivo do autor de parar de produzir charges. O título “Charges de generais” pode exemplificar o que Angeli chama de “humor a favor” cujo qual não se propõe a realizar uma crítica pura, mas se propõe a enunciar os feitos e qualidades das figuras políticas.

Uma segunda interpretação para o detalhe da revista pode significar também a extensão da crítica sociopolítica do período. A disseminação das informações no meio social estava subordinada a um processo vertical de comunicação, partindo dos segmentos mais altos aos demais segmentos da sociedade, criando assim uma espécie de molde social estabelecido pelas classes burguesas e que ditava sua ideologia à população. Dessa forma, a unilateralidade das informações veiculadas criava barreiras à construção de críticas ao modelo sociopolítico vigente por parte da população em geral. O que não quer dizer a elaboração de críticas e colocações se extinguiram durante o período da redemocratização e que os receptores as informações as absorvam sem uma reflexão prévia.

Não se trata de uma relação de mão única, em que os meios de comunicação despejam conteúdos que são absorvidos passivamente por leitores, ouvintes e espectadores “teleguiados”. Esses velhos mitos já estão desacreditados; o consumidor de informação seleciona, interpreta e enquadra o material recebido, de acordo com os códigos que possui. No entanto, a ênfase unilateral no papel ativo do consumidor de informação é tão redutora quanto o discurso anterior, que fazia dele uma marionete. Por mais que ele reelabore as informações, a matéria-prima com a qual precisa trabalhar é dada pelos meios. (MIGUEL, 2001, p. 44)

No entanto, devido ao caráter quase uniforme das informações e a uma ideologia una sendo disseminada no meio social por uma mídia tradicionalista, o confronto entre diferentes

visões e expectativas de mundo sofre limitações. Uma vez que os valores morais e políticos defendidos pelos segmentos burgueses naturalizam-se na sociedade, questioná-los não é um exercício simples, ainda que uma parcela quantitativa da população estivesse sendo prejudicada pelas conjunturas econômicas e políticas do período.

Ainda que limitadas por uma censura imposta pelo tradicionalismo e pela ação massificadora da mídia, as críticas sociais continuaram a serem efetuadas através de diferentes instrumentos – tais quais as músicas e as charges – e veiculadas através de diferentes meios de comunicação. Sendo assim, os mesmos meios de comunicação que são usados para uniformizar uma população em torno de interesses apontados como comuns a todos os segmentos sociais podem ser usados também para fomentar críticas às estruturas que alicerçam a sociedade.

3. O CARTUM E A REPRESENTAÇÃO CÔMICA DA VIDA PRIVADA

Angeli, em relação à política, não apresentou críticas apenas à forma que foi conduzido o processo de abertura política brasileira nas publicações da Revista Chiclete com Banana. O cartunista compilou tiras que envolviam tanto o aspecto político quanto a vida privada do brasileiro. A personagem Bob Cuspe – uma espécie de personagem autobiográfica do autor – se apresenta como uma figura altamente inquisidora às práticas cotidianas e políticas, cuspiendo para todos os lados, de forma a denunciá-las.

Na primeira edição da Antologia da Revista Chiclete com Banana publicada pela editora Devir, encontra-se o início da trajetória de Bob Cuspe. A história, iniciada na página 5, cuja qual a personagem é protagonista apresenta como título os seguintes dizeres: “Bob Cuspe é a salvação!”. Vale frisar que a edição original da revista Chiclete com Banana que contém a história foi a de número 1 publicada no ano de 1985.



Ilustração 6 – Página 5 da Antologia Chiclete com Banana 1.

Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 1.

A primeira página da história apresenta a ilustração do planeta Terra com uma expressão indignada e cansada. No texto que se encontra abaixo da ilustração é expressa a sede por mudança. Os dizeres encontrados no texto indicam o descontentamento do autor com a estrutura conservacionista da sociedade e defende o abandono dos antigos moldes sociais e políticos. A sociedade brasileira da década de 1980 vivia a contraposição entre leis modernas e conduta pública tradicional. Com isso, a mudança, que para muitos pode significar o caos, poderia, na visão do autor, representar um novo começo para os já ultrapassados valores políticos e sociais.

A citação do cantor norte-americano Bob Dylan indica a influência musical no trabalho de Angeli. Nos anos 1980, assim como o cartum, o rock significou uma forma de expressão crítica. Os artistas do período sofreram grandes influências do movimento punk iniciado na Inglaterra, como se pode notar, Bob Cuspe é a típica representação do punk, revoltado contra as estruturas políticas que alicerçam a sociedade e contra os tipos pessoais pré-fabricados.

Na página 7 da publicação, a influência da música volta a ser notada no primeiro quadro quando uma música de Raul Seixas tem alguns versos cantados por Bob Cuspe. Nessa mesma página pode-se observar no terceiro quadro a estrutura do caos urbano da década de 1980. A nova classe média surgida no período revela um novo padrão de consumo. Alimentos, eletrodomésticos, assim como outros bens passaram a fazer parte da rotina de consumo da classe média brasileira. O automóvel passa a ser uma realidade cada vez mais presente na vida cotidiana.

Com os novos padrões de consumo, carros dominam as ruas, *outdoors* e propagandas decoram o espaço de forma a criar um emaranhado urbano. Pode-se ainda perceber várias figuras que mesclam o espaço da cidade. Há a representação de um policial aparentemente tentando manter a ordem em meio ao mar engarrafado de carros, há entre os carros ônibus totalmente lotados, figuras de crianças pedindo esmolas aos motoristas, aparece também uma figura de um religioso transitando por entre os carros. Além dos elementos que se encontram nas ruas, há também inúmeras propagandas que remetem ao padrão de consumo da população.

No quadro em que é representada a cidade há os dizeres: “... nem pode supor onde vive”. Com isso, o autor expressa que o espaço urbano não apresenta mais uma identidade própria característica, pelo contrário, uniformiza seus espaços a ponto de ficarem confusos e identificáveis.

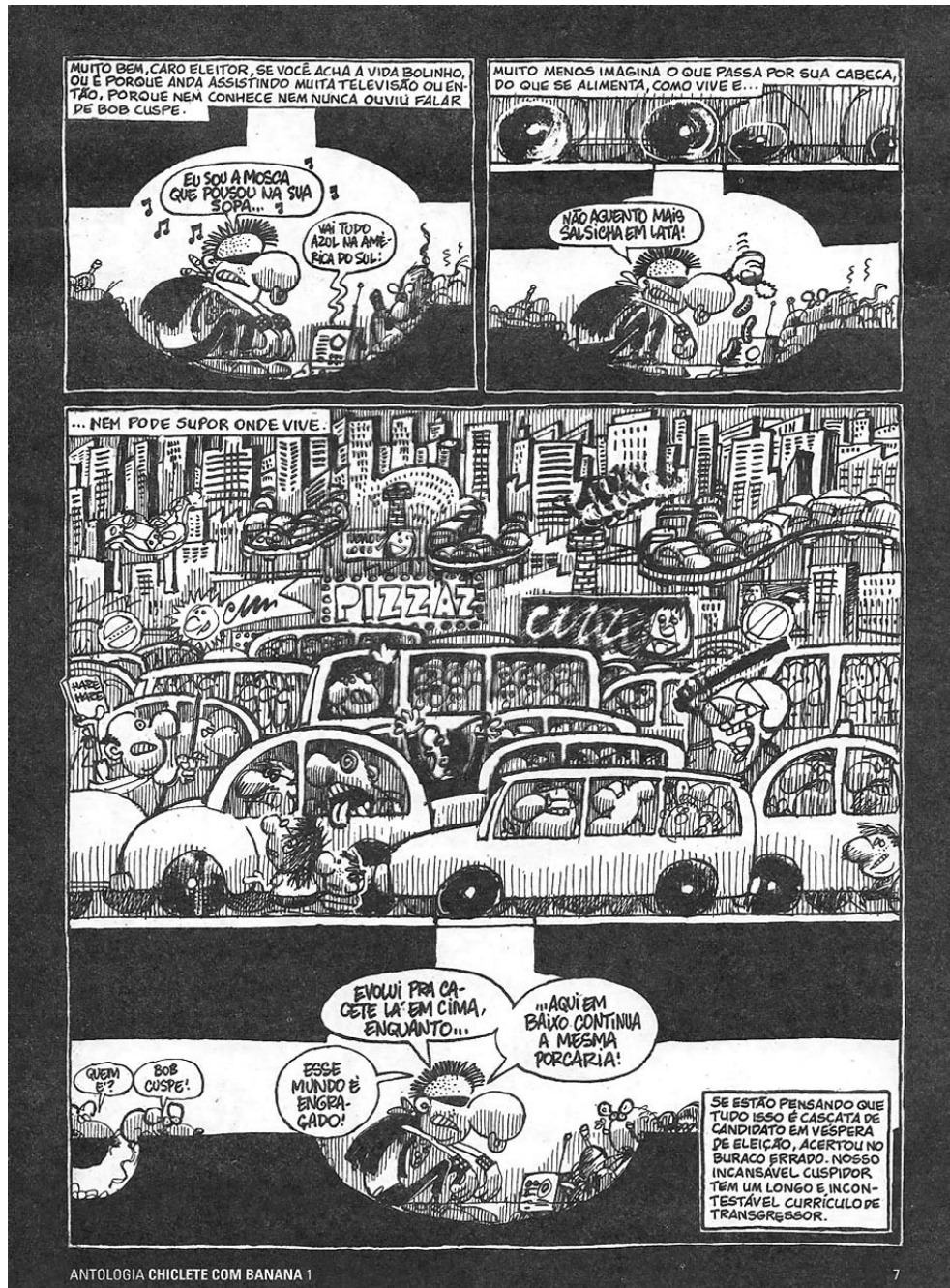


Ilustração 7 – Página 7 da Antologia Chiclete com Banana 1.

Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 1.

No último quadro da página, Angeli expressa uma forte crítica à rápida evolução das cidades. No mundo *underground*, que é expresso nas tiras pelo local de moradia de Bob Cuspe, mas que trazendo para o real pode ser traduzido pelos subúrbios e pelos locais habitados pelas classes mais baixas, vive-se uma total ou quase total falta de mudanças.

A diferença apresentada nas tiras pode ser explicada pela acentuação das desigualdades sociais na década de 1980. Neste período podem ser encontrados três grupos ou universos que representam a sociedade brasileira:

“O “primeiro mundo” dos magnatas, dos ricos e privilegiados, em que as características do verdadeiro Primeiro Mundo aparecem exacerbadas [...]; o “segundo mundo” da nova classe média é, na verdade, um simulacro do primeiro, povoado de serviçais mal remunerados, que garantem um padrão de vida muito superior ao desfrutado por seus congêneres do verdadeiro Primeiro Mundo; finalmente o “terceiro mundo”, dos pobres dos miseráveis, esses sim, mantidos à distância das condições de vida digna que prevalecem para o povo do verdadeiro Primeiro Mundo”. (Mello e Novais, p. 635 - 636)

Com isso percebe-se que a crise da década de 1980, no âmbito social, serviu para consolidar os ideais das classes médias e estabelecer novos padrões de consumo. Além disso, a acentuada acumulação da renda, que atingiu as parcelas mais pobres da população, propiciou o fortalecimento dos segmentos burgueses da sociedade. Conclui-se então que a sociedade brasileira do período era heterogênea e classista, dificultando assim a mobilidade social e oprimindo as classes mais pobres.

As páginas 8 e 9 da publicação apontam para detalhes da vida de Angeli, descrevendo as profissões que exerceu antes de virar cartunista. O quarto quadro da página 8 reflete um aspecto interessante dos anos de ditadura. As aulas de moral e cívica que oprimiam as críticas dos alunos e os ensinavam a aceitar o que lhes era posto foram o marco para a formação do caráter militante da personagem Bob Cuspe e das expressões críticas de Angeli.

O fato de a personagem cuspir para todos os lados, independente da posição social ou política de seus alvos remete à opinião de Angeli de que a função do cartunista é instigar e provocar o riso através do escárnio. Não deve haver humor que favoreça grupos, pelo contrário, o humor é uma forte ferramenta de crítica sociopolítica.



Ilustração 8 – Página 8 da Antologia Chiclete com Banana 1.
Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 1.

A música da banda Ultraje a Rigor cantada por Bob Cuspe na página 9 representa o fato de que boa parte da população não era capaz de pensar criticamente a sociedade e as estruturas que a sustentam. Tal fato acarreta em escolhas políticas equivocadas, o povo em sua maioria acaba fazendo a escolha desejada por uma minoria ao deixarem ser influenciados.



Ilustração 9 – Página 9 da Antologia Chiclete com Banana 1.

Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 1.

A página 10 reflete a insatisfação dos que possuem fortes influências políticas, econômicas e sociais. A partir do momento em que o povo em seu quantitativo passa a refletir sobre as mazelas sociopolíticas, os interesses das parcelas mais ricas passam a ser colocados em risco. Permitir que o povo tenha conhecimento crítico pode levá-lo a questionar a estrutura social que o reprime. No último quadro da página pode-se observar que o povo oprimido passa a depositar suas esperanças na figura de Bob Cuspe.



Ilustração 10 – Página 10 da Antologia Chiclete com Banana 1.
Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 1.

As tiras apresentadas na página 11 trazem a representação de diferentes tipos sociais e suas respectivas formas de atuação social e política. No primeiro quadro da página, o autor retrata a si mesmo como também parte da história e, dessa forma, também como um ator social.

Nota-se que nas mãos da personagem que representa Angeli há uma revista em quadrinhos do Pato Donald. Isso reflete os estrangeirismos adotados fortemente na década de

1980 e a influência dos mesmos através de meios de comunicação de massa. Tais meios de comunicação quase totalmente submissos aos interesses das classes dominantes, dificultando que a sociedade elabore suas próprias reflexões críticas.

O fato de Bob Cuspe viver nos esgotos e encanamentos lhe permite um conhecimento maior do ser humano. Pode-se assim estabelecer uma comparação entre a personagem e, não apenas o cartunista, a sociedade. Ao elaborar críticas a respeito do meio em que se vive, é possível entender os sujeitos que compõem o meio social e sua relação com o âmbito político.



Ilustração 11 – Página 11 da Antologia Chiclete com Banana 1.
Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 1.

Ainda na página 11 se encontram quatro sujeitos típicos da sociedade brasileira da década de 1980. O primeiro tipo é o cidadão, típico representante da classe média da sociedade civil, com certas aspirações de consumo e relações sociais. A fala da personagem adaptada da música de Jorge Ben Jor reflete os interesses dessa nova classe média surgida no período, nota-se também uma falta de posicionamento crítico da personagem.

O segundo tipo é militar/político ditador maquinando as formas de manter intacta sua influência política. Mesmo após o término da ditadura, a política continuou com um grande contingente político do regime militar. Apesar de uma suposta democracia os grupos anteriormente no poder continuam a exercer influência e manter seus interesses.

O terceiro tipo se refere ao membro da alta classe social beneficiado pelo rápido crescimento do PIB na década de 1970 e pela acentuada concentração de renda. Além disso, a tira também aponta para as classes mais baixas, prejudicadas diretamente pela crise da década de 1980, refletindo seu estado de exploração e subordinação econômica, política e social. Essa também é a classe cujos ideais são submetidos aos ideais das classes mais altas, cujos interesses são veiculados pelo meio social e naturalizados, através da mídia, pela maior parte da sociedade civil.

O quarto tipo se refere que buscam ou propõe mudanças e que, através de críticas estimulam a criação de novos ideais ou valores. A aparência da personagem remete a alguma figura pública de influência social, inclusive ideológica. Pode-se estabelecer uma semelhança estética entre a personagem representada e a figura de Raul Seixas.

A heterogeneidade da sociedade brasileira da década de 1980 parece causar exaustão mental na personagem Bob Cuspe. A não apenas heterogênea sociedade também reflete uma manutenção em sua estrutura de classes e sujeitos oriunda da ditadura. Tal fato também pode ser classificado como um dos motivos para o cansaço da personagem.

A página 12 expõe a conclusão da história e a encerra revelando as contradições do ser humano. Apesar dos grandes avanços, Angeli critica a inércia social e o continuísmo das relações que permeiam a sociedade.

Trazendo para a realidade brasileira dos anos da redemocratização, a crítica de Angeli pode ser aplicada aos processos que conduziram a abertura política e que garantiram, contraditoriamente, uma democracia de acesso restrito.



Ilustração 12 – Página 12 da Antologia Chiclete com Banana 1.
Fonte: Antologia Chiclete com Banana volume 1.

A conduta tradicional com a qual foi conduzida abertura política reflete num conservadorismo social e certo acomodamento por parte da sociedade civil. O fato de a personagem não ser capaz nem de dar descarga pode refletir uma falta de posicionamento crítico e político, sendo um cidadão passivo das decisões tomadas no meio social.

O último quadro da página reflete a ânsia do autor por mudanças políticas. Pela análise da personagem Bob Cuspe entende-se que a visão do autor não é proporcionar mudanças através de uma figura política. O fato de Bob Cuspe ser um *punk* e por consequência ter o anarquismo como posição política faz com que se compreenda, com todas as críticas feitas ao comportamento social, que a mudança só pode ser conduzida com o posicionamento político consciente das parcelas sociais.

4. CONCLUSÃO

Ao pensar a sociedade não como uma divisão entre aspectos morais, políticos, econômicos e afins, mas sim como reflexo da interação entre os mesmos, as publicações de Angeli e outros autores do gênero contribuem para a análise socio-histórica brasileira. Com isso, o estudo de tiras e charges se faz um importante meio de entender as conjunturas e valores sociais.

Além disso, os discursos veiculados pelos cartunistas permitem que os receptores da informação tenham acesso à informação crítica, contribuindo para a elaboração da própria opinião. Ao provocar o riso e o escárnio o cartunista desafia o leitor a buscar elementos que alicerçam sua crítica para que possam, assim, ter domínio sobre o assunto abordado e entender o contingente de informações abordadas.

Nos cartuns são representados elementos da vida cotidiana do leitor e, ao levantar questionamentos e críticas a respeito de determinado fato colocado, o autor se aproxima do leitor. Dessa forma, o cartum também consiste numa ferramenta de aproximação entre produtor e receptor da informação facilitando o diálogo.

A aproximação entre o autor e o leitor permite ao cartunista observar a dimensão de sua crítica e sua aceitabilidade. A aceitação da crítica e as limitações que o humor sofre devido aos valores sociais também são formas de se compreender as conjecturas do período em que se vive.

Após o término da ditadura, as liberdades individuais e de expressão passaram a ser hipoteticamente garantidas. No entanto, devido à manutenção das condutas públicas e morais conservadoras, o humor, muitas vezes tido como subversivo, sofreu limitações, assim como a formação crítica.

A relação que se faz entre os limites colocados ao humor e a crítica pode ser explicada pela grande influência midiática, que, em grande proporção, encontrava-se a favor dos ideais das classes mais abastadas. Com isso, os discursos veiculados na mídia defendem, em muitos casos, o tradicionalismo das relações sociais. Ao naturalizar tais discursos no meio social, a formação crítica da sociedade civil é comprometida.

Além disso, a crítica do cartum também sofre a limitação por parte do próprio público ao qual é destinada. Por ser publicado e distribuído através de um veículo midiático, um público específico acessa a informação veiculada. É possível fazer comparação entre o cartunista e um escritor, o qual tem sua obra escrita veiculada em grandes quantidades, entretanto, apenas um certo público tem sua atenção despertada para sua publicação.

Com isso, cabe ao cartunista explorar as diferentes dimensões do humor em diferentes ocasiões para que suas ideias possam ser compreendidas e possibilitem aos leitores assumirem um caráter reflexivo quanto àquilo que lhes é posto. Nesse caso, o diálogo entre o produtor e o receptor da informação se faz de extrema importância para criar uma crítica abrangente e que instigue o leitor a questionar e a se posicionar sobre o que é exposto.

Ao analisar os cartuns compilados no período da redemocratização, percebe-se uma ânsia por mudanças políticas e sociais. A primeira eleição para presidente da República após o regime militar significou brevemente um ar de mudança. Todavia, com a forma conservadora que se conduziu o processo de abertura política, a mudança parecia estar longe de ocorrer.

O papel do cartum nesse momento era o de expor as diferentes facetas das relações sociais e políticas para que a população, através de uma linguagem mais clara e próxima de seu cotidiano, pudesse ter noção da realidade que a cerca. Dessa forma, o cartum consiste numa forma de provocar a formação crítica do indivíduo, em concordância ou não com a ideia veiculada pelo autor, e expor situações conflitantes de forma a buscar reflexões e possibilidades de mudanças.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Diego Luiz Silva Gomes de; OLIVEIRA, Thiago Azevedo Sá de. **A anatomia da charge numa perspectiva de revolução sociohistórica**. Pernambuco, 2008. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Diego-Luiz-Silva-Thiago-Azevedo-Oliveira.pdf>>. Acesso em: 19 de novembro de 2011.
- AGOSTINHO, Gilberto et al. **Sociedade brasileira**: Uma história através dos movimentos sociais da crise do escravismo o apogeu do neoliberalismo. São Paulo, 2000.
- Antologia Chiclete com Banana volume 1. São Paulo: Devir Livraria, junho de 2007.
- Antologia Chiclete com Banana volume 5. São Paulo: Devir Livraria, abril de 2008.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In: SCHWARCZ, Lilia Motiz (Org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. V. 4, p. 559-658.
- MIGUEL, Luis Felipe. **Meios de comunicação de massa e política no Brasil**. Disponível em: <http://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/3_di__logos_latinoamericanos/2midia_e_politica_no_br-miguel-unb.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2012.
- Revista Trip 191. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/191/paginas-negras/angeli.html>>. Acesso em: 22 de março de 2012.
- RODRIGUES, Marly. **A década de 80 – Brasil**: quando a multidão voltou às praças. São Paulo, Editora Ática, 2003.
- SADER, Emir. **A transição no Brasil**: Da ditadura à democracia? São Paulo, Editora Atual, 1996.
- SOUZA, Leandro Almir Diniz. **Charge jornalística**: Um passeio pelas estratégias discursivas e pela construção do contrato de comunicação e do sujeito destinatário nas charges de Angeli/Folha de S. Paulo. Monografia (Bacharel em Comunicação Social, habilitação jornalismo) – Departamento de Ciências da Comunicação do Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2007.

BIBLIOGRAFIA

AUCAR, Bruna et al. **Nas entrelinhas das charges**. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/5%20-%20nas%20entrelinhas%20da%20charge.pdf>>. Acesso em: 05 de junho de 2012.

EKECRANTZ, Jan; MAIA, Rousliey; CASTRO, Maria Céres P.S. **Modernidades, mídia e transição política**: reflexões sobre os processos no Brasil e na Rússia. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/contracampo/article/viewFile/27/26>>. Acesso em: 09 de maio de 2012.

KRAKHECKE, Carlos André. **A redemocratização brasileira sob a ótica da revista Chiclete com Banana**. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212367916_ARQUIVO_AredemocratizacaobrasileirasobaoticadarevistaChicletecomBanana2012 (1985-1988)-CarlosAndreKakhecke.pdf, acesso em 02 de maio de 2012.

LACERDA, Antônio Corrêa de. **Distribuição de renda no Brasil nos anos 80**. Revista de Economia Política, vol. 14, nº 3 (55), julho-setembro/1994.

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virginia Maria. **História do Brasil Recente: 1964-1992**. São Paulo, Editora Ática, 2004.

SANTOS, Aline Martins dos. **O gesto profanador**: Angeli e seus quadrinhos marginais autobiográficos. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300880922_ARQUIVO_Artigoanpuh-USP.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2012.